

O Recife de Gilberto Freyre



Capa do livro *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, 2007 [1934], fotografia (detalhe).

Lucia Lippi Oliveira

Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV/CPDoc). Autora, entre outros livros, de *Cidade é patrimônio: uma viagem*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2021.
lucia.lippi65@gmail.com

O Recife de Gilberto Freyre*

Gilberto Freyre's Recife

Lucia Lippi Oliveira

RESUMO

O artigo acompanha o caminho trilhado por Gilberto Freyre para falar da sua Recife. O autor combina descrições das transformações em curso — reformas urbanas nos anos 1920 — com lembranças, reminiscências de outros tempos. Apresenta a cidade a seus moradores e ao turista ao se reportar ao clima, às casas, aos prédios, às manifestações populares. Indica o que deve ser visto e visitado. Registra o que seria específico do Recife e o compara com o Rio de Janeiro e com Salvador. O título do seu livro deve ser levado a sério; trata-se de um “guia prático, histórico e sentimental” da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: tradicionalismo; patrimônio histórico; história social.

ABSTRACT

The article follows the path taken by Gilberto Freyre to talk about “his” Recife. The author combines descriptions of the ongoing transformations – urban reforms in the 1920’s- with memories, reminiscences of other times. He presents the city to residents and tourists describing the weather, the houses, the buildings, the popular manifestations. He points what must be seen and visited. He documents what would be specific to Recife and compares it to Rio de Janeiro and Salvador. The title of the book should not taken for granted, as it is, in fact, a practical, historical and sentimental guide to the city.

KEYWORDS: memory; historical heritage; social history.



Vou aqui analisar as páginas do livro de Gilberto Freyre, *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, aproximá-lo das transformações por que passou a cidade e relacioná-lo ao movimento regionalista que se desenvolveu no Recife a partir dos anos 1920.

Este guia teve sua primeira edição em 1934, com tiragem de 105 exemplares, desenhos coloridos à mão por Luís Jardim e impresso nas oficinas gráficas de The Propagandist, de Maurício Gomes Freire. Essa edição pode ser considerada uma obra de arte e é peça de bibliófilos. A tradição de produção de livros de qualidade técnica e artística se fará presente no Recife, anos mais tarde, em *O Gráfico Amador*. O guia teve segunda e quarta edições publicadas em 1942 e 1968 pela Editora José Olympio e, por fim, a quinta edição saiu em 2007 pela Global Editora. Estou fazendo uso desta edição.

Tais informações estão presentes na quinta edição, mas elas esclarecem o fato de no texto constar referências a eventos históricos acontecidos em datas posteriores aos anos 1930. Pode-se concluir assim que Gilberto Freyre fez

* Este texto teve uma versão anterior com o título Gilberto Freyre e a valorização da província. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, Brasília, jan.-abr. 2011, p. 117-141.

revisões em suas novas edições, pelo menos até sua morte em 1987. Valem os exemplos: ao valorizar grupos de teatro amador do Recife, Gilberto Freyre menciona o de Cavalcanti Borges, o de Ariano Suassuna e o de Valdemar de Oliveira. Como estes grupos não existiam na década de 1930, fiquei atenta à questão. Freyre também menciona a Universidade Federal de Pernambuco, a televisão do *Jornal do Comércio* e a dos Associados. Cita dados da população pernambucana em 1950. Cita a Sudene (que foi criada em 1959). Ao comentar os visitantes ilustres à sua residência de Apipupos, Gilberto Freyre menciona Roberto Rossellini, John Dos Passos e políticos brasileiros como Jânio Quadros, Negrão de Lima, Carlos Lacerda e também o “atual Presidente da República, Marechal Costa e Silva”.¹ Os estudiosos de Gilberto Freyre já assinalaram a dificuldade de analisar a temporalidade de seus textos, pois o autor os modifica cada vez que são publicados. Suas obras apresentam camadas arqueológicas a serem descascadas...

O guia enfeixa oito capítulos (sem título), cada um deles contendo cerca de oito textos cujo tamanho varia de uma a cinco páginas. A narrativa não obedece a nenhuma linearidade no tempo ou no espaço, embora cada capítulo trate de temas próximos uns dos outros. O livro parece apresentar a cidade tanto aos seus visitantes quanto a seus moradores. Logo no início, Gilberto Freyre se dirige ao viajante, ao turista, e começa falando do “caráter” do Recife. Ela, a cidade, não se apresenta “escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco e de cor”.²

O autor compara o Recife com o Rio de Janeiro e com a Bahia (Salvador), onde as igrejas são mais “gordas”, com as casas trepadas umas sobre as outras parecendo “grupos de gente se espremendo pra sair num retrato de revista”.³ Foi assim que já se referira a Salvador no poema “Bahia de todos os Santos e de quase todos os pecados”, em 1926: “Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)/ Casas trepadas umas por cima das outras/ Casas, sobrados, igrejas, como gente se espremendo pra sair num retrato de revista ou jornal”.⁴

Recife, ao contrário, tem “o recato quase mourisco”, sem saliências nem relevos. A cidade se deixa conquistar aos poucos, “prefere namorados sentimentais a admiradores imediatos”. Certamente ele, Gilberto Freyre, é um deles. Outros são mencionados ao longo do guia. Joaquim Nabuco é um dos outros, citado muitas vezes. Muitos viajantes, principalmente estrangeiros, também se tornaram namorados do Recife, diz Freyre.

A cidade é associada ao seu pioneirismo. Este é assinalado nas frases “pela primeira vez”, tal ou qual evento, instituição ou feito teve ali lugar. Foi ali que existiu o primeiro observatório astronômico na América, o primeiro jardim zoológico, “o primeiro centro de cultura israelita na América, a primeira assembleia política”. Para além dessa qualidade que começa no tempo dos holandeses, outras são referidas. O Recife foi o primeiro ponto do Brasil a ser atingido pelos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadora Cabral; foi a primeira cidade brasileira onde tocou o Zeppelin em sua viagem de

¹ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Global, 2007, p. 149 [1. ed.: 1934].

² *Idem, ibidem*, p. 23.

³ *Idem*.

⁴ *Apud* Biblioteca virtual Gilberto Freyre. Disponível em <www.liber.ufpe.br/fgf/index.php>. Acesso em 9 nov. 2010.

inauguração da linha Europa-América do Sul. No Recife se reuniu, por algum tempo, a população mais heterogênea do continente, gente das mais diversas procedências, credos, culturas ali se misturou... Cita também o Recife das revoluções, dos crimes, das assombrações – todo esse Recife que não consta dos guias, livros visando aos turistas.

Recife é então apresentada como cidade cosmopolita que recebeu influência do Oriente, da Europa, dos Estados Unidos. “Foi burgo holandês, foi uma das cidades mais afrancesadas do Brasil assim como uma das mais anglicizadas.” O germanismo igualmente se fez presente no mundo jurídico, filosófico e das letras, no tempo de Tobias Barreto. E nos lembra da presença da base americana, durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo reconhecendo ser São Paulo a cidade mais cosmopolita do país, Gilberto observa que Recife tem muitos estrangeiros entre sua população. E vai mencionando a contribuição deles para os “caboclos da terra” ao listar as casas, as escolas e seus educadores estrangeiros.

Depois dos traços gerais do “caráter” do Recife, o autor fala dos traços climáticos da cidade. É verão quase o ano inteiro, há apenas duas estações: a seca e a de chuvas; não há furacões nem tempestades... Isto nos faz lembrar o conde Afonso Celso, autor do famoso *Por que me ufano do meu país!*⁵ Junto aos atributos positivos da natureza tropical, ele vai agregar algumas queixas. A falta de um bom restaurante alemão, assim como de um francês. A inexistência de um mercado de flores na cidade onde o turista possa ver a riqueza e variedade da vegetação e da nossa fauna. Tal riqueza, relembra ele, foi valorizada no “bom tempo de Nassau”⁶, que mandou fazer um parque e um jardim zoológico. É preciso registrar que todas as menções ao tempo dos holandeses e de Nassau são positivas.

“Na República, porém, não se sabe por que estranho sentido de arte ou de higiene tropical, os prefeitos do Recife deram para perseguir as árvores como quem persegue inimigos”.⁷ A velha tradição de preservar, de valorizar as árvores originais estaria sendo restaurada pela influência do Centro Regionalista do Nordeste, que teve ação sobre a vida da região e não se limitou a “fazer literatura”.⁸ Hoje (?) volta-se a amar as árvores. A praça de Casa-Forte, obra do mestre Roberto Burle Marx, e o parque de Dois Irmãos são exemplos maiores. Observa, entretanto, que a arborização inteligente é necessária para corrigir o excesso de claridade e de sol.

Há, assim, uma certa regularidade na forma como Freyre elabora seu guia da cidade. Primeiro ele menciona algum traço específico e, de preferência, positivo, ou que pode ser lido como positivo. A seguir remonta a momentos históricos: quando isso existiu ou foi criado. Aponta igualmente como não vem sendo mantido, ou recebendo o cuidado como deveria ter. Desse modo registra carências que podem ser contornadas ou apresenta demandas que seriam de interesse coletivo. Seu olhar treinado em viagens fora do país permite por comparação identificar as carências e as possibilidades.

⁵ CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*. Fonte digital: eBooksBrasil, 2002 [1. ed.: 1900]. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>>.

⁶ FREYRE, Gilberto, *op. cit.*, p. 28.

⁷ *Idem*.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 29.

Para falar da cidade e de seus “namorados”, Gilberto Freyre se volta para seus grandes nomes. Joaquim Nabuco, ainda que muito viajado, “nunca se desprende do seu Recife, da sua Mauriceia, da sua Veneza tropical”.⁹ Nabuco nunca se deixou impressionar com o mundo jurídico que frequentou na Faculdade de Direito do Recife: “seu sentido dos problemas brasileiros já era o histórico-sociológico, tão característico dos intelectuais autenticamente recifenses”.¹⁰ Não por acaso, o então deputado federal Gilberto Freyre será autor do projeto de lei que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em 1949, transformado em Fundação Joaquim Nabuco em 1980. Dessa maneira, ao falar do Recife, de Pernambuco, o autor vai escolhendo aqueles que devem ser lembrados como seus antecessores.

Ainda sobre Nabuco, menciona que a campanha abolicionista teria sido vencida por ele no Teatro Santa Isabel. Comenta também as críticas desferidas a Nabuco, como ser chamado de “Quincas o Belo”. “Havia no Recife quem o acusasse de pedante, de adamado, de taful. [...] Quem o achasse afrancesado, inglesado, estrangeirado”.¹¹ Segundo Freyre, grandes e ilustres pernambucanos foram atacados por “arrivistas intelectuais e sociais” vindos de outras províncias de menor importância, que, ao chegarem ao Recife, cometiam esses “pecados de mocidade”.

O historiador e diplomata Oliveira Lima, o barão do Rio Branco, o poeta Manuel Bandeira estão entre os recifenses, ou pernambucanos ilustres, que são mencionados no guia. Freyre vai, por assim dizer, perambulando pela cidade e por temas que lhe são caros. Passeia pela cidade olhando as casas, os prédios, lendo a história que a arquitetura nos conta. Faz o mesmo em relação às festas e manifestações populares que aconteciam nas ruas e praças.

Menciona os sinos das igrejas com sua linguagem que ainda está lá, já que os “progressistas” não se lembraram de recolhê-los ao Museu do Estado, ironiza o autor. Valoriza os nomes das ruas e defende o movimento a favor da conservação dos nomes antigos que recebeu o apoio do poeta Manuel Bandeira no seu poema “Evocação do Recife”, escrito a pedido de outro recifense (ele, Gilberto Freyre).

A manutenção dos nomes das ruas, das árvores tradicionais, da arborização das ruas e praças, a defesa da doçaria tradicional, dos móveis de jacarandá, da conservação dos jogos e brinquedos tradicionais constituem itens da plataforma do Centro Regional do Nordeste, fundado em 1924. Ressalta que o centro, ao criar a Semana da Árvore, marcou o início do respeito pela árvore.¹² Isso foi resultado do inquérito realizado por estudantes de sociologia orientado pelo primeiro professor moderno da matéria não só no Recife como no Brasil (ele, Gilberto Freyre).¹³

O autor nomeia também restaurantes e mercados a serem visitados pelo turista, por “quem garatuja este arremedo de guia (guia que sendo sentimental é também o seu tanto histórico e às vezes dá-se o luxo de ser prático)”.¹⁴ Ao se

⁹ *Idem, ibidem*, p. 35.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 36.

¹² *Ver idem, ibidem*, p. 47.

¹³ *Ver idem*.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 55.

referir à fartura de frutas tropicais da cidade, cita de sorvetes a passarinhos. Nos mercados estão à venda ervas, potes, folhetos de “histórias regionais”: “às vezes lá aparecem cantadores com sua viola; ou um cego-cantador; ou algum novo Ascenso Ferreira a recitar para os recifenses versos populares da gente do interior”.¹⁵ Recomenda ainda a visita a alguma sede de maracatu e fazer amizade com um dos filhos do babalorixá Pai Adão.

Os vendedores estão presentes nas ruas e feiras com seus objetos, redes, farinha, produtos de simplicidade primitiva. Muitos deles já velhos, “magricelas vigorosos que lembram o tipo sertanejo exaltado por Euclides da Cunha”.¹⁶ Gilberto Freyre fala dos pregões que não se ouvem mais, seja porque os artigos já desapareceram, seja porque as buzinas dos automóveis e os alto-falantes os abafaram. Transcreve pregões desaparecidos e outros vivos, reproduz músicas que alegrem os carnavais, marchas e frevos do Mestre Capiba e de outros compositores regionais. Os “tipos populares” que conheceu no tempo da “República Velha”, tipos pitorescos do Recife, são cada vez menos presentes, mas ainda são encontrados nos últimos maracatus, como o Maracatu de Dona Santa. E, à medida que avança sua descrição do Recife, as frutas, a negra da tapioca, os vendedores mencionados por Freyre são registrados por desenhos de Luis Jardim espalhados ao longo do livro.

Se tudo isso vai, como canto da sereia, encantando o leitor, há uma outra marca que causa estranhamento e, diria mesmo, desagrado. Ele não perde uma ocasião para se autoelogiar. Esse traço de sua *persona*, já observado pelos estudiosos, aparece no guia de forma, por que não dizer?, mesmo, irritante.¹⁷ Como compreender isso? A “promoção de sua personalidade à posição de único e verdadeiro centro criador de sua reflexão” é mencionada por Ricardo Benzaquen de Araújo¹⁸ ao analisar as diversas características (originalidade, precocidade e sistematicidade) que aparecem na construção da noção de gênio que Gilberto Freyre vai apresentando ao longo de sua obra. Sua genialidade cobra uma fidelidade e um amor sem limites, ou seja, exige que seus leitores e admiradores o apreciem sem considerar seus vícios. Um de seus “pecados” confesso é a vaidade, que, “ao contrário do orgulho, é uma forma de afirmação da própria superioridade que necessita – desesperadamente – da aprovação dos outros, dos inferiores, do mais comum dos mortais, para que consiga se sustentar”.¹⁹

Continuando a percorrer as páginas do guia, encontramos entre as figuras do Recife antigo José Mariano Carneiro da Cunha, aristocrata de engenho que, segundo Freyre, no Recife se converte em abolicionista, democrata e mesmo populista ao se tornar amigo até de capoeiras.²⁰ Já o amor à luz vinda do sol, “às vezes um tanto tirânica pelo próprio excesso da sua pureza tropical”²¹, é complementado pela luz elétrica de Paulo Afonso. O amor

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 50.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 52.

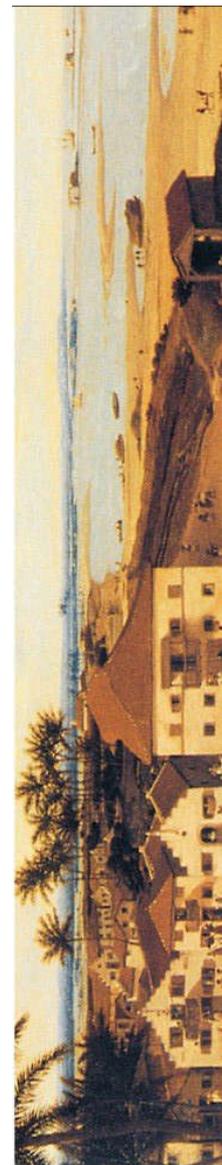
¹⁷ Interessante notar que Gilberto Freyre escreve texto intitulado “narcisismo gaúcho” em 1940. Ver NEDEL, Letícia. A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul. *Mana*, v. 13, n. 1, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande e senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. São Paulo: Editora 34, 1994.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 260.

²⁰ FREYRE, Gilberto, *op. cit.*, p. 58. José Mariano Carneiro da Cunha é pai de José Mariano Filho, liderança do movimento neocolonial no Rio de Janeiro, e do poeta Olegário Mariano. Ver KESSEL, Carlos. *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá/Faperj, 2008.

²¹ FREYRE, Gilberto, *op. cit.*, p. 67.



ao ar, à temperança, à doçura das manhãs e dos fins de tarde comparece na poesia dos recifenses como Mauro Mota, Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, Carlos Pena, Carlos Moreira, Ascenso Ferreira, entre outros, além de João Cabral de Melo Neto, que, para Freyre, vinha despontando como o poeta por excelência do Capibaribe.

Nesse passo, o autor alude a estrangeiros que escreveram sobre o clima tropical e a liberdade de se viver ao ar livre o ano inteiro. Liga o trópico ao ideal, outrora grego e hoje ibero-americano, de liberdade pessoal. Viver ao ar livre, discutir política, conversar sobre literatura, opereta ou corrida de cavalos, fazer transações comerciais, é, para ele, hábito do recifense desde o século XIX: “conversando e às vezes praguejando”²², pragas essas que os papagaios aprendiam com facilidade. Mas Freyre se remete também ao hábito dos homens cuspirem em qualquer lugar, emporcalhando a cidade, e até de defecarem ao pé das pontes.

O Recife das águas e de outras coisas mais

Nesse contexto, o médico Aluísio Bezerra Coutinho e os engenheiros Lauro Borba e Antonio Baltar são mencionados positivamente, por se preocuparem com os problemas da cidade. O autor lembra, em primeiro lugar, de Saturnino de Brito, aquele que associou água com a cidade e construiu as represas de Gurjaú que garantem água ao Recife. Esses profissionais se opõem aos maus urbanistas recifenses que têm revelado fúria contra as águas, “fobia a essas águas” que podem levar a querer aterrar o Beberibe e depois o Capibaribe.

O turista, mesmo sem guia, vai descobrir os rios e suas pontes e sentir as ilhas e quase ilhas que compõem a cidade. O Capibaribe, antes de passar pelo Palácio do Governo, conhecido como Campo das Princesas – construído quase no mesmo lugar em que no século XVII Nassau levantou seu castelo –, atravessa boa parte do Recife. E, “da Rua da Aurora já se disse que é uma das ruas mais caracteristicamente recifenses: talvez a mais recifense. É de todas a mais cortejada pelo Capibaribe. Seu nome é poético”.²³ Na Aurora estão a Prefeitura, o Colégio – outrora Ginásio Pernambucano, onde ilustres brasileiros, entre eles Epiácio Pessoa, fizeram seus estudos secundários. Do rio também se avista o Teatro Santa Isabel.

As jangadas e seus jangadeiros integram o quadro dessa cidade levantada entre a água do mar e a mata tropical, situação que se expressa nos valores culturais. O porto é parte disso tudo, ainda que precise de drenagem, da atenção do governo federal. Nesse cenário, as águas do Capibaribe, do Beberibe, do mar, de açudes, dos mangues, dos banhos de rio de ontem e dos banhos de mar de hoje, mar com sua sucessão de piscinas de águas verdes e mornas entre os arrecifes e a praia, fazem ser natural os recifenses adorarem a água. Ponte, botes ou canoas são, para Freyre, instituições recifenses.²⁴

Seu olhar chega a ir além da capital pernambucana: “Demorando no Recife, o turista não deixe de ir a Olinda. É a mãe do Recife. Podendo vá também

²² *Idem, ibidem*, p. 68.

²³ *Idem, ibidem*, p. 71.

²⁴ No guia Freyre não menciona as “casas de banho” construídas à beira dos rios, experiência singular no Brasil.

a Igarauçu, que é a avó”.²⁵ De Olinda Freyre indica o que vale ver: entre outros lugares, o antigo Colégio dos Jesuítas; o convento de São Francisco; o Mosteiro de São Bento. Recomenda também: não deixe de subir até a Misericórdia, onde se tem uma das melhores vistas do Recife.

De volta ao seu objeto central, da vida religiosa ele fala da presença do protestantismo desde os tempos coloniais, com os holandeses e calvinistas franceses, e dos seminários presbiteriano e batista existentes na cidade. Cita várias igrejas protestantes e o cemitério dos ingleses, além de duas sinagogas. Mas reconhece que mais marcante é mesmo a religião católica, com suas festas das padroeiras e da Semana Santa. E suas procissões nas quais as irmandades e confrarias se apresentam. Havia também vários xangôs que hoje (?) estão em decadência: “os antigos eram verdadeiras religiões”.²⁶ Menciona bons terreiros que merecem ser visitados e suas festas. E emenda: “o calendário das festas religiosas mais populares nos xangôs do Recife indica um sincretismo que vai deixando de ser (pelo declínio do catolicismo como religião mística) de assimilação de crenças e cultos católicos a favor de uma renascença católico-africana”.²⁷

Igrejas e conventos são alvo de atenção especial, já que são os exemplares do estilo barroco no Recife. Este não comparece ali com nenhuma maravilha de arte religiosa, “nenhuma catedral que se compare, já não diremos às europeias, mas às do México e do Peru”.²⁸ As igrejas, como quase toda arquitetura colonial brasileira, são “encantos de espontaneidade”. Ao descrever as igrejas, Gilberto Freyre vai contando eventos históricos ali acontecidos, destacando os azulejos e jacarandás do coro, os painéis, a capela-mor e seus retábulos. E esclarece: “Todo o primor de arquitetura que aqui se admira foi obra de frade”.²⁹ São muitos os croquis das igrejas que acompanham o texto.

Ele pontua esta avaliação registrando o que se perdeu em reformas recentes; o mau gosto das restaurações; os pedaços de altares, de arcos e de igrejas demolidas: “felizmente, nos últimos trinta anos (?), acentuou-se entre nós a reação a favor do barroco; deixou-se de bulir nas igrejas velhas com a semcerimônia de outrora”.³⁰ E fala também de igrejas onde africanos iam dançar seus maracatus – restos das antigas organizações coloniais de reis do Congo, ou reis que os escravos tinham o direito de eleger.³¹ Recomenda ao turista ver um dos maracatus do Recife, como Leão do Norte, Cabinda Nova, Pavão Dourado, Estrela Brilhante ou Leão Coroado.

Para Freyre, os livros escritos pelos ingleses, principalmente diários e livros de viagem, constituem leitura fundamental para se conhecer e escrever a história social do Recife. E continua: aos ingleses se deve o serviço de esgoto, de gás, de eletricidade, de saneamento e de abastecimento de água que foram por eles realizados ou iniciados. Depois dos holandeses e dos ingleses, são os franceses os mais ligados à história e à vida do Recife. Franceses foram vários engenheiros que contribuíram para o progresso do Recife com ações no porto,

²⁵ FREYRE, Gilberto, *op. cit.*, p. 89.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 99.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 101.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 104. Freyre monta uma hierarquia do estilo barroco: primeiro as igrejas europeias, depois as do México e do Peru; as de Salvador não são sequer mencionadas.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 107.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 146.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 110.

na arquitetura, na higiene. O Teatro Santa Isabel, onde Nabuco ganhou a batalha da Abolição, foi construído pelo engenheiro francês L. L. Vauthier na primeira metade do século XIX. É dele igualmente o traçado do cemitério de Santo Amaro, onde se destacam obras de arte do século XIX. Além de Vauthier, ele menciona Fournié, que dirigiu as Obras Públicas, e Béringer e Dombre, como realizadores de estudos científicos de interesse. Franceses eram também os cabeleireiros e as modistas tornando afrancesada a sociedade recifense daquela mesma época, já que durante o século XVII era uma sociedade quase mourisca.

O texto corre como se estivéssemos conversando no alpendre da casa de Apipupos. Às vezes o autor se obriga a ser prático, com informações objetivas, mas que não constituem a principal mensagem do livro. Estas ficaram envelhecidas; permanecem como perenes seus comentários e observações que expressam seu olhar sobre a cidade e seus costumes.

Os sobrados do Recife, os mais antigos, são do tipo magro, esguio, alto, de aspecto holandês ou flamengo. Novamente os relatos dos viajantes são acionados para atestar a paisagem incomum da cidade. A altura dos velhos sobrados não é fenômeno do século XIX, pois se sabe que ali, em meados do século XVII, havia casas muito altas, mesmo para a Europa e para as Américas. No Recife do século XVII haveria, assim, “sobrevivência rara do gótico do Norte da Europa”.³² A ideia é que no Recife proliferou uma verticalidade vinda da Europa mais precocemente burguesa e comercial, que se expressa na arquitetura da cidade e que depois se faz presente na Nova Amsterdã.³³ Pronto, Nova York descende do Recife!!!

Freyre preza a integração entre arquitetura e meio nas antigas residências, com muito azulejo e escadarias nobres. Cita donos antigos e novos; as recepções acontecidas nos casarões; os parentescos de seus proprietários; as novas utilizações das antigas residências pelas sedes de clubes e outras atividades. Lista os monumentos, a estatuária e bustos, as placas comemorativas e suas localizações. Na sua ótica, os monumentos históricos e artísticos guardam o passado e o civismo do Recife. Ele volta a se referir ao tempo dos holandeses para registrar que não existe busto ou estátua de Nassau no Recife, bem como não existe busto ou estátua de Vauthier. Estes são figuras heroicas do passado, e explica: herói é o homem extraordinário pelas suas virtudes e audácias de realizador. Para Freyre, “o Prefeito atual do Recife, Augusto Lucena³⁴, está sendo, para a metrópole do Nordeste, uma espécie de Pereira Passos: com as virtudes e os defeitos dos Pereiras Passos. Ativo e dinâmico, poderia juntar a essa virtude um maior amor às tradições recifenses. Seria então um prefeito quase perfeito”.³⁵

A pintura exerce forte atração sobre o autor, para quem “o Recife é uma cidade de pintores. Mais de pintores, com certeza, do que de músicos ou de escultores ou de arquitetos. Talvez por causa da sua luz”.³⁶ De Franz Post, passando por Teles Júnior, chega aos pintores seus contemporâneos como

³² *Idem, ibidem*, p. 154.

³³ *Idem, ibidem*, p. 155.

³⁴ Augusto Lucena, vice-prefeito do Recife em 1963, assumiu a prefeitura da cidade graças ao golpe de 1964, que depôs Pelópidas Silveira.

³⁵ FREYRE, Gilberto, *op. cit.*, p. 175.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 187.

Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, Cícero Dias, Francisco Brennand (também ceramista), Luís Jardim, Lula Cardoso Ayres. Nos dias de hoje (?), Lula Cardoso é o pintor por excelência do Recife, como Mauro Mota é o poeta. Entre outros pintores, cita o jovem Aloísio Magalhães. Entre desenhistas menciona Manoel Bandeira (não confundir com o poeta) que ilustrou o *Livro do Nordeste*, comemorativo do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*, organizado por Freyre.³⁷ Entre outros nomes de pintores, desenhistas, fotógrafos, Gilberto Freyre nos informa: “E de formação recifense é o desenhista brasileiro Percy Lau³⁸, rival de M. Bandeira no desenho exato e na precisão do traço. No Recife viveu por algum tempo o desenhista paraibano Tomás Santa Rosa”.³⁹

O *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* apresenta ainda lista de nomes da literatura, ensaístas, advogados e engenheiros recifenses ilustres, sempre destacando a excepcionalidade deles. A vida cultural da cidade é enfatizada por meio da menção a grupos de teatro; fala também da construção em andamento de Nova Jerusalém, em Fazenda Nova, interior do estado, um grande teatro ao ar livre para representar o drama da paixão de Cristo.⁴⁰ E mais: não se pode esquecer, diz Freyre, que foi Estácio Coimbra quem fundou no Recife uma Inspetoria de Monumentos, antecipando no plano estadual a criação do serviço federal instituído por Vargas em 1937. E não podemos esquecer, dizemos nós, que ele, Gilberto Freyre, era o chefe de gabinete de Estácio Coimbra, ao mesmo tempo que dirigia o jornal *A Província*.

Os nomes mencionados, sejam de pessoas, de lugares, de obras, como já foi dito, são apresentados como um exercício de livre associação. Freyre escreve como se o guia fosse um livro de memória e não de história, no sentido de que não se preocupa em respeitar a linearidade da cronologia histórica. Dessa maneira, seu guia é de fato um guia sentimental, no qual ele apela à sua memória, à sua vivência na cidade e, ao fazer isso, acaba transmitindo uma apaixonada, íntima, familiar versão sobre o Recife. Ao comentar, por exemplo, as casas do Recife, Gilberto Freyre fala dos mocambos, que, transferidos dos lugares baixos e aterrados para os altos e secos, “chegam a ser, enquanto sua palha não envelhece e seu chão não se degrada, residências ideais para o trópico”.⁴¹ Sabe que sofrem deterioração fácil e rápida, haja vista o material empregado em sua construção, mas, mesmo assim, os mocambos vão merecer a atenção do autor quando os considera a moradia “ecológica” do Recife e os nomeia como a “casa primária” do Brasil.

Vale registrar que seu texto *Mucambos [com u] do Nordeste*: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil foi publicado, em 1937, pelo Ministério da Educação e Saúde, que englobava o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan)⁴², o que indica o

³⁷ FREYRE, Gilberto (org.). *Livro do Nordeste*. Recife: Diário de Pernambuco, 1925.

³⁸ Percy Lau foi fundamental ao criar as figuras que passaram a representar os tipos regionais nos textos do IBGE e nos livros de geografia. Ver DAOU, Ana Maria. Tipos e aspectos do Brasil: imagens em Imagem do Brasil. In: ROZENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

³⁹ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, op. cit., p. 189.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 222.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 149.

⁴² FREYRE, Gilberto. *Mucambos do Nordeste*: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, s./d., [c. 1937].

encontro de perspectiva e de interesses entre Freyre e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Este é quem escreve a introdução de *Mucambos* e aponta o descaso diante da arquitetura popular, coisa que a publicação do texto de Freyre procura sanar. A relação entre estas duas figuras aparece também em cartas de Rodrigo a Gilberto pedindo orientação, solicitando trabalhos de levantamento, autorizando a contratação de auxiliares, o pagamento de serviços e o reembolso de despesas.⁴³

Ainda sobre os mocambos, convém esclarecer que, para além da sua precariedade, sua coberta de palha e paredes de pau a pique, eles são adaptados às carências daqueles que os criam. Nesse sentido, segundo Gilberto Freyre, eles são autênticos. Nesse mesmo tempo os mocambos do Recife tinham no interventor Agamenon Magalhães o mais ferrenho opositor. Para este político, a precariedade de sua cobertura de latão ou zinco, a localização em áreas impróprias (os mangues) faziam parte do discurso para caracterizar aquelas moradias como o que mais “degenera” a cidade.

Nas primeiras décadas do século XX, Recife, assim como outras cidades do Brasil, está passando por processos de modernização urbana. Ela sofre remodelação de seu traçado urbano e de sua arquitetura com a abertura de grandes avenidas, derrubada de edifícios, como arcos e igrejas, e surgimento de edifícios sem nenhuma relação com o colonial. É diante dessas interferências que crescem as reações tradicionalistas voltadas a proteger monumentos e edificações do passado contra a sanha dos arquitetos e engenheiros que pretendiam dar uma feição moderna à Veneza brasileira.⁴⁴ Os regionalistas estão contra os administradores públicos que mudam os antigos nomes de rua e abrem amplas avenidas onde antes havia becos e ruas estreitas, tema mencionado, como já disse, no poema “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira.

De carona com os viajantes

Quero, por fim, reforçar que Gilberto Freyre, ao longo do guia sentimental do Recife, lança mão de múltiplos relatos de viajantes que viram Recife e o Brasil. A experiência fundamental da viagem e do exílio como educação e reeducação do olhar já foi ressaltada por muitos autores. Olhar o outro possibilita uma comparação entre o familiar e o desconhecido, entre o similar e o diferente, o que favorece o conhecimento histórico e antropológico. A viagem, ao proporcionar uma separação brusca, abre caminho para um redimensionamento também do lugar de origem. No regresso, quem volta é um outro que, com olhos renovados, busca re-conhecer as paisagens outrora vividas.

Vejamos como o próprio Freyre, no prefácio de *Região e tradição*, se refere ao aos efeitos de viver fora: “O longo período de estudos no estrangeiro fê-lo

⁴³ Ver RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da memória: uma história social da casa-museu de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu, 2008, p. 58. Esse mesmo tipo de procedimento aparece na correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade com Augusto Meyer, que assume os serviços do Sphan no Rio Grande do Sul. Ver XAVIER, Laura. *Patrimônio em prosa e verso: a correspondência de Rodrigo Melo Franco para Augusto Meyer*. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – CPDoc/FGV, Rio de Janeiro, 2008.

⁴⁴ Cf. FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, op. cit., p. 72.



ver sua região e a tradição brasileira não só com a simpatia endogâmica de nativo que regressa, mas com olhos de exógeno: enxergando no familiar certo encanto do exótico e, ao mesmo tempo, vendo-o na sua pureza de linhas e na exatidão de suas proporções. Vendo-o criticamente e também com simpatia humana a mais íntima”.⁴⁵

Viagens aparecem ainda pela metáfora da “peregrinação”. Wilma Peres Costa a usa para explorar a afinidade entre o processo de formação dos intelectuais e a formação do sentimento nacional. Foi no século XIX que a viagem passou a ser considerada parte da formação e do amadurecimento da sensibilidade, ou seja, conhecimento do mundo e autoconhecimento: “o *depaysement*, ruptura ainda que temporária com as origens, tem o poder de ampliar o conhecimento, aprimorar o espírito ou revelar os segredos do mundo”.⁴⁶ O conhecimento adquirido pela viagem, bem como pela memória, confere autoridade ao discurso. Creiam em mim: eu conheço, eu vi. Ter estado lá empresta autoridade ao relato.⁴⁷ A memória comparativa, o jogo entre o que se vê e o que já foi visto por outros, permite valorizar o relato de viajantes, as crônicas escritas em outros tempos e que são usadas no diálogo entre passado e presente, entre o local e o universal.

Ricardo Benzaquen de Araújo já sinalizara a importância que Gilberto Freyre atribui à experiência do olhar de cada viajante ao criticar os “manuais” de viagem que prescrevem um tipo de olhar a ser adotado. Registra ele que no *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, Freyre vai dizer que para viajar ao Recife é preciso uma visão “irregular, assimétrica e ao mesmo tempo extremamente próxima e calorosa da cidade”, um ritmo lento e errático que atente aos pequenos detalhes, o que se afigura próximo ao *flâneur* baudelairiano.⁴⁸

Ao trabalhar a literatura de viagem, José Tavares Correia de Lira⁴⁹ destaca dois gêneros e dois personagens: o diário e o guia; o viajante e o cicerone. O autor explora os gêneros e os personagens abordando as duas figuras de maior relevância na década de 1920: Mário de Andrade e Gilberto Freyre, ou seja, o “turista aprendiz” e o “aprendiz de cicerone”. Em seu artigo, ele explora o fio condutor das viagens de Mário de Andrade em suas variantes de missão cultural, de campanha etnográfica, de visita aos amigos e às terras. E expõe como este turista particular chega à prática do “despauamento”, conseguindo sentir-se em casa no outro. Bem, no caso de Gilberto Freyre, Lira salienta que, recém-chegado ao Recife depois de sua temporada na Europa, ele se defronta, por assim dizer, com duas cidades: a da infância e aquela que encontra e ante a qual se sente estrangeiro. É diante desse estranhamento que toma a decisão de ficar e de se integrar com o que há de mais brasileiro.

⁴⁵ FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: *Região e tradição* [Ilustrado por Cícero Dias]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 [2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968].

⁴⁶ COSTA, Wilma Perez. Viagens e peregrinações: a trajetória dos intelectuais em dois mundos. In: BASTOS, Elide e DENIS, Roland (orgs.). *Intelectuais, sociedade e política*: Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003, p. 62.

⁴⁷ Cf. NICOLAZZI, Fernando. Gilberto Freyre viajante: olhos seus, olhares alheios. In: GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, e TUNA, Gustavo Henrique. *Viagens e viajantes em Gilberto Freyre*. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas, 2003.

⁴⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de, *op. cit.*, p. 170, e *idem*, Leituras de Gilberto Freyre (apresentação). *Novos Estudos Cebrap*, v. 1, n. 56, São Paulo, 2000.

⁴⁹ LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidade em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n. 50, São Paulo, 2005.

O Recife estava passando por amplo processo de transformação que envolveu saneamento, demolição, alargamento no porto e na área central. Isto implicou desapropriações, demolições e a construção de novas avenidas radiais partindo do marco zero. Entre as demolições são citadas a do Arco da Conceição, em 1913, e a do Arco de Santo Antonio, em 1917. E o ecletismo arquitetônico tornou-se patente nos novos edifícios então construídos.⁵⁰

Esse empenho modernizante dos anos 1920 provocou reações contrárias, de preservação e de defesa da região. Houve também um posicionamento contra um cosmopolitismo barato, contra a estética do progresso que produz um arremedo, uma caricatura marcada pelo mau gosto. Na contramão da modernização estava a defesa do patrimônio arquitetônico colonial, dos traçados urbanos em zigue-zague contra o geometrismo, das árvores próprias da região contra o que foi tachado de a terrível mania de reformismo. Todas essas questões foram abordadas por Gilberto Freyre e estão presentes nos seus chamados “artigos numerados” publicados no *Diário de Pernambuco* entre 1924 e 1925.

Segundo Lira, Freyre ora enfatiza o patrimônio, ora os hábitos cotidianos em detrimento do “absolutismo da higiene e da circulação”. Ele deseja incorporar ao espírito de renovação o zelo pelas tradições arquitetônicas, valorizando a proximidade, a adaptação tropical de ruas e praças. Daí deplorar o furor modernizante e cosmopolita que atinge até a natureza: abatem-se árvores da região em nome de novas, importadas.

É preciso ressaltar que, nos anos 1920, não estava claro que tipo de nova modernidade seria assumido no campo da arquitetura. O importante exemplo anterior de modernismo era o ecletismo da construção de Belo Horizonte, das reformas urbanas do Rio de Janeiro e de Belém. Isso foi sendo considerado de mau gosto, como expressão de um cosmopolitismo barato, porque desconsiderava o antigo, o tradicional existente. A recusa ao ecletismo abre espaço para o surgimento de outra corrente que estava se estruturando no início da década de 1920: o “neocolonial”, que, de acordo com Carlos Kessel⁵¹, foi o estilo apresentado como moderno na Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo e que no Rio esteve sob a direção do pernambucano José Mariano Filho, ilustre membro da família pernambucana Carneiro Leão.

Na coluna dominical do *Diário de Pernambuco*, Gilberto Freyre criticou a descaracterização da cidade, a destruição do velho Recife. Prédios, móveis e até nomes de ruas são expressões vivas de uma tradição cultural, diz ele, assim como o próprio paladar. Por isso condenou a imitação cega de um modelo francês de arquitetura e de urbanismo. Defendeu a adesão mais seletiva à modernidade.

Essa pregação regionalista nas colunas do *Diário de Pernambuco*, a organização do volume comemorativo do centenário desse jornal intitulado *Livro do Nordeste* (1925)⁵², a criação do Centro Regionalista do Nordeste (1924), a realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, em fevereiro de

⁵⁰ Cf. COSTA E SILVA, Valéria Torres da. *A modernidade nos trópicos: Gilberto Freyre e os debates em torno do nacional*. Recife: Carpe Diem, 2009.

⁵¹ Ver KESSEL, Carlos. Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 30, Rio de Janeiro, 2002.

⁵² Ver Biblioteca virtual Gilberto Freyre. Disponível em <www.liber.ufpe.br/fgf/index.php>. Acesso em 7 abr. 2010.

1926, são eventos, esforços, iniciativas que foram definindo um regionalismo que, segundo Gilberto Freyre, seria uma afirmação da diversidade dentro da unidade.

Freyre narrou em diversos textos suas experiências pessoais, vendo, observando e registrando suas impressões, suas sensações de viajante. Sua viagem à Europa, entre 1922 e 1923, causou estranhamento, disponibilidade, encantamento; elementos centrais da formação intelectual e moral do *grand tour*.⁵³ Suas viagens pelo Brasil, ao Rio e São Paulo em 1926 também fizeram parte dessa formação, que passa pelo *flâneur*, pelo etnográfico, chegando ao cicerone e ao anfitrião.

O *Guia prático, sentimental e histórico de Recife*, publicado em 1934, introduz evocação, intuição, imaginação para acessar o “caráter” da cidade e faz suscitar um modo de ver, de caminhar pela cidade de alguma forma antecipando perspectivas de desfrutar da cidade. A leitura do guia nos permite compreender melhor seu título. Gostaria de ter conhecido essa obra antes de visitar o Recife, ou melhor, quero voltar à cidade incorporando o olhar de Gilberto Freyre. Vale aqui registrar que a moradia onde Gilberto Freyre viveu a partir de 1940 e guardou objetos que expressavam sua vida, suas viagens e seu gosto tornou-se uma “casa museu”.⁵⁴

Artigo recebido em 12 de agosto de 2022. Aprovado em 1 de setembro de 2022.

⁵³ Cf. SALGUEIRO, Valéria. *Grand tour*: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, São Paulo, 2003.

⁵⁴ Ver RIBEIRO, Rodrigo Alves, *op. cit.*